

feminino de Esaú, como Abel o é de Caim, sendo Caim e Esaú o princípio masculino. Por isso, do mesmo modo que Malach-Iho, o "Senhor" Esaú luta com Jacob e não prevalece. No *Gênesis*, XXXII, o Deus-Sol luta primeiro com Jacob, desconjunta sua coxa (um símbolo fálico) e, contudo, é vencido por seu símbolo terrestre: a matéria; e o Deus-Sol ergue-se sobre Jacob e sua coxa em aliança. Todos esses personagens bíblicos, inclusive seu "Senhor Deus", são figuras representadas em ordem de sucessão alegórica. São símbolos da Vida e da Morte, do Bem e do Mal, da Luz e das Trevas, da Matéria e do Espírito em sua síntese, estando todos eles sob seus aspectos contrastados.

Issava (Pál.) – Termo equivalente ao sânscrito *Īzvara*.

Iswara – Ver *Ishvara*.

Itcha – Ver *Ichchhâ*.

Ithyfálico – Ver *Itifálico*.

Itifálico – Do grego *ithys*, ereto, e *phallos*, falo. Qualidade dos deuses como varões e hermafroditas, tais como a Vênus barbada, Apolo vestido com trajes femininos, Ammón, o procriador, o embrionário Ptah e assim sucessivamente. Contudo, o falo, tão conspícuo e, segundo nossas idéias melindrosas, tão indecente, nas religiões da Índia e do Egito estava associado, na simbologia mais primitiva, muito mais com outra idéia consideravelmente mais pura do que a da criação sexual. Segundo está provado por mais de um orientalista, o falo representava a *ressurreição*, o *ressurgir vivo da morte*. Nem um nem outro significado tem qualquer coisa de indecente: "Estas imagens simbolizam apenas, de modo muito expressivo, a força criadora da Natureza, sem qualquer intenção obscena", escreve Mariette Bey, e acrescenta: "Não há outra maneira melhor de expressar a *geração celeste* do que fazer o defunto entrar em uma nova vida". Em geral, os cristãos e europeus são muito severos e injustos no que se refere aos símbolos fálicos dos antigos. Os deuses ou deusas nus, com seus emblemas geradores e estatuária, têm departamentos *secretos* reservados para eles em nossos museus. Por que, pois, adotar e conservar os mesmos símbolos para o clero e os seculares? Os *festins de amor* da Igreja primitiva – seus banquetes – eram tão puros (ou tão impuros) como as festas fálicas dos pagãos; as amplas vestimentas sacerdotais das Igrejas romana e grega e o cabelo longo da última, os hisposos para a *água benta* e outras coisas estão aí para provar que o ritualismo cristão conservou, sob formas mais ou menos modificadas, todos os símbolos do Antigo Egito. Em relação ao simbolismo de uma natureza puramente *feminina*, vemos-nos obrigados a confessar que, aos olhos de todo arqueólogo imparcial, a seminudez de nossas cultas damas da sociedade sugere muito mais o culto sexual do que as fileiras de lâmpadas em forma de *yonis* acesas ao longo das ruas que conduzem aos templos da Índia.

Itffalo – Falo que levavam os que concorriam à procissão das festas de Dionísio (Baco).

Itihâsa (Sânc.) – História, lenda, tradição. Tal termo aplica-se principalmente às duas grandes epopéias hindus, o *Mahâbhârata* e o *Râmâyana*.

Ittham (Sânc.) – Assim, deste modo; tão.

Ityukta (Sânc.) – Assim se chama, no budismo, uma lenda ou tradição recolhida; coleção de relatos ou explicações da Lei.

Iu-Kabar-Zivo (Gn.) – Também conhecido pelo nome de *Nebat-lavar-bar-lufin-lfafin*, "Senhor dos Eons", no sistema nazareno. É o procriador (Emanador) das *sete Vidas Santas* (os sete primeiros *Dhyân Chohans* ou Arcanjos, cada um deles representando uma das virtudes cardeais, e ele, por sua vez, é chamado de *terceira Vida* (terceiro

Logos). No *Codex* é invocado como "o leme e a videira do alimento de vida". Assim, é idêntico a Cristo (*Christos*), que diz: "Eu sou a verdadeira videira e meu Pai é o lavrador" (*João*, XV, 1). É bem sabido que Cristo é considerado, pela Igreja Católica Romana, como o "príncipe dos Eons" e, também como Miguel, "que é como Deus". Tal era também a crença dos gnósticos.

Turbo (Gn.) – Um nome de Iao-Jehovah. (Ver *Iurbo-Adonai*.)

Iurbo-Adonai ou **Iurbo-Adunai** – Termo gnóstico; o nome composto utilizado para designar a Iao-Jehovah, a quem os ofitas consideravam como emanção de Ilda-Baath, filho de Sophia Achamoth, o deus soberbo, ambicioso e invejoso, e Espírito impuro, a quem muitas das seitas gnósticas consideravam como o deus de Moisés. "Turbo é chamado pelos abortos (judeus) de Adunai" [ou Adonai], diz o *Codex Nazaræus* (vol. III, p. 13). "Abortos" e fetos eram alcunhas que os gnósticos aplicavam a seus adversários, os judeus. [O *Codex Nazaræus* designa Jehovah pelo nome de *Iurbo-Adonai*. (*Doutrina Secreta*, I, 51.)]

Ius (Gr.) – Lodo ou barro primordial, também chamado **Hilé**.

Iwaldi (Esc.) – O anão cujos filhos fabricaram para Odin a lança mágica. Um dos mestres forjadores subterrâneos, que, juntamente com outros gnomos, idealizou uma espada encantada para o grande deus da guerra, Cheru. Esta espada de dois gumes figura na lenda do imperador Vitelio, que a obteve do deus "para seu próprio dano", segundo o oráculo de uma "sábia mulher"; abandonou-a e, finalmente, foi morto com ela ao pé do Capitólio, por um soldado germano, que havia furtado a arma. A "espada do deus da guerra" conta com imensa bibliografia, pois reaparece também na semilegendária biografia de Átila. Tendo-se casado com Ildikd, contra vontade dela, a formosa filha do rei de Borgonha, a quem Átila havia matado, obtém de uma velha misteriosa a espada mágica e com ela mata o rei dos hunos. [Ver *Anão da Morte*.]

Íza, Ísa ou Isha (Sânc.) – Senhor, soberano, rei, chefe etc. Epíteto de Shiva. Título de um dos *Upanichads* (*Īzopanichad*).

Ízana (Sânc.) – Poder, domínio, soberania.

Ízana Ísana ou Ishâna (Sânc.) – Epíteto de Shiva ou de Rudra.

Ízatva (Sânc.) – Soberania, domínio; supremacia e poder "sobrenatural" do brâhmane Iniciado.

Izdubar – Nome de um herói mencionado nos fragmentos de história e teogonia caldeia, nos chamados ladrilhos assírios, segundo os decifraram G. Smith e outros. Smith identifica *Izdubar* com *Nemrod*. Pode ser ou não; porém, dado que o nome de tal rei só "aparece" como *Izdubar*, sua identificação com o filho de Cus pode ser também mais aparente do que real. Os sábios são um pouco propensos a contrastar seus descobrimentos arqueológicos com as declarações posteriores, que se encontram nos livros mosaicos, ao invés de trabalhar ao contrário. O "povo eleito", em todos os períodos da história, costumava apropriar-se da propriedade de outros povos. Desde a apropriação da história primitiva de Sargão, rei da Acádia, e sua aplicação em grande escala a Moisés, nascido (se realmente nasceu) alguns milhares de anos depois, até que tal povo destruiu os egípcios, sob a direção e divino conselho de seu Senhor Deus, todo o *Pentateuco* parece ser formado de fragmentos *mosaicos* não-declarados de Escrituras de outro povo. Isso deveria ter tornado mais precavidos os assiriólogos, porém, como muitos deles pertencem à casta clerical, algumas coincidências, como a de Sargão, não os preocupam muito. Uma única coisa é certa: *Izdubar*, ou como quer que se chame, é apresentado em todas as tábuas como um poderoso gigante, que se avantajava em estatura a todos os demais